

HISTÓRIA DA CULTURA PORTUGUESA

ORIENTAÇÃO E BIBLIOGRAFIA GERAL PARA O
ESTUDO DA CADEIRA NO ANO LECTIVO DE 1965-1966

por
CARLOS EDUARDO DE SOVERAL

Obedientes a ideias que nos aproximam dos conceitos fundamentais de Arnold Toynbee — ideias que sucintamente exprimimos no proémio ao nosso bosquejo de história da historiografia medieval ^(°) —, nunca entenderíamos leccionar a cadeira de História da Cultura Portuguesa que não fosse na relação desta com a unidade maior — o «campo inteligível» — a que pertence e de cujas modulações necessária e permanentemente depende: a cultura europeia. (Relação, em épocas sucessivas, da parte com o todo — onde alguma vez a primeira ocupa posição dominante e determina o conjunto —; e relação, outrossi, do sub-organismo, nacional com o espírito ou signo ou a vocação que, desde a Antiguidade greco-latina, anima o organismo europeu). É por isso que as primeiras lições da cadeira terão ppr objecto o tema da Europa, desenvolvido já na dilucidação dos ingredientes irredutíveis, *categoriais*, que a constituem e obrigam ^(°), mantendo-a em manifesta antinomia com o mundo asiático (ocorre o trabalho recente de Rochedieu, *La pensée occidentale face à la sagesse de l'Orient*), já em termos de esforço compreensivo da sua formação, o que,

^(°) *Historiografia medieval. I — Séculos IV a XII*, Porto, Tavares Martins, 1963.

^(°) V. as primeiras páginas da nossa *Análise existencial del marxismo* (em *Introducción al pensamiento marxista*, Madrid, Guadarrama, 1961).

logo pelo vocábulo *formação*, ou *gênese*, suscita as epígrafes que submetem certos livros, quais os de Chamberlain, Gonzague de Reynold, Christopher Dawson, Guttenberg, etc. É por isso também que, na parte introdutória desta bibliografia, figuram, a par dos autores que acabamos de referir, alguns outros como Denys de Rougemont, com a sua *Aventura ocidental do homem* (melhor diríamos europeia), Henri Massis, cuja *Defesa do Ocidente* é uma afirmação-definição da Europa, em face de quanto hoje em todo o sentido lhe assedia a alma e contraria o império, e, enfim, Hermann de Keiserling, o observador penetrante de todos os matizes espectrais em que se decompõe o *espírito europeu* — tratado, designadamente, na sua evolução, por Dumont-Wilden. Tais autores e obras inculcam a urgência do tema da Europa, quer considerado de modo unitário, quer pluralmente apreendido na pujante variedade das culturas nacionais. (Ao dizer culturas nacionais, dispensamo-nos de agregar europeias, uma vez que *nação* é conceito sem rigoroso ou, até, sem nenhum sentido fora da Europa.) Foi esta variedade, esta riqueza de feições afins no seio de uma cultura que nisto mesmo ostenta a sua incomparável unidade⁽³⁾, o que, por outro lado, nos induziu a consignar na parte introdutória da bibliografia que segue algumas espécies sobre as culturas nacionais, com particular destaque para a série dedicada às diversas almas colectivas — a alma francesa, a alma inglesa, a alma italiana, a alma alemã, a alma russa — em que se empenhou a Biblioteca Científica da Flammarion.

De entre todos os quadrantes culturais europeus, interessa-nos, naturalmente, salientar o espanhol. Trata-se de aquele onde, desde há dois séculos, se desenrola um processo polémico que temos

(3) O que, revertendo na ideia-base consignada nas primeiras linhas deste proémio, nos leva a aduzir uma passagem da *Introdução à história universal* de Michelet: «L'Europe moderne est un organisme très complexe, dont l'unité, dont l'âme et la vie, n'est pas dans telle ou telle partie prépondérante, mais dans leur rapport et leur agencement mutuel, dans leur profond engrènement, dans leur intime harmonie. *Nous ne pouvons dire ce qu'a fait la France, ce qu'elle est et sera, sans interroger sur ces questions l'ensemble du monde européen. Elle ne s'explique que par ce qui l'entoure.*» (Sublinhado nosso.) Trata-se de uma clara advertência toynbeana *avant la lettre*, a que o autor logo soma um cariz hegeliano, dialéctico, de, enfim, *definição por oposição*, quando encerra, o parágrafo que transcrevemos, com: «Sa personnalité (a da França) est saisissable pour celui-là seul qui connaît les autres États, qui la caractérisent par leur opposition.»

de considerar verdadeiramente exemplar, tanto pela expressão que nele se dá aos conflitos mais íntimos a uma alma colectiva, quanto pelo valor humano e doutrinário das posições nele assumidas. Trata-se de um mundo contíguo e em extremo parente do nosso, que com ele manteve através dos tempos uma comunicação — logo traduzida num bilinguismo que em nada anulou a nossa personalidade e o nosso génio criador —, comunicação que, não forçando excessivamente a imagem, tem o seu quê de oscilação pendular, ou seja, de mútua e alternada condução de um pelo outro. Foi tal fenómeno que levou autores como Fidelino de Figueiredo, decerto o nosso hispanista mais ilustre e copioso, a escrever, por exemplo, *Pyrene* e *Ultimas aventuras* — em certa medida, os mesmos tomos sobre o classicismo e sobre a inteira história literária portuguesa —, com a atenção por igual repartida entre a literatura portuguesa e a literatura espanhola. Em Fidelino, o estudioso de Lope, de Cervantes e de tudo quanto se condensa n'*As duas Espanhas*, não fica abaixo do historiador e crítico da nossa história literária. E isso é o que lhe permite dar congruentemente a *Pyrene* o sub-título de *Ponto de vista para uma introdução à história comparada das literaturas portuguesa e espanhola*.

Pelo que atrás deixamos dito tinha a cultura espanhola de ser circunstanciadamente atendida na nossa bibliografia com abundância de espécies, a qual, do mesmo passo, se oferece ao estudioso português como poderosa sugestão no sentido de este meditar e reflectir sobre o seu país — espírito, história, vida — com a intensidade afectiva, o apego volitivo, a ambiciosa e apetrechada diligência mental com que vem, desde o fim do século XVIII, procedendo a inteligência espanhola. Patentear-se inequívocamente, na nossa bibliografia, o grau superlativo em que o primeiro tema-estímulo da ensaística espanhola contemporânea é a própria Espanha: o que os círculos espanhóis, seja qual for o seu norte ideológico, hoje mais debatem de forma historiográfica e crítica — constituindo mesmo o mote por excelência de uma poemática admiravelmente culta e viva — é a essência, a existência e a tragédia de Espanha. É o que de algum modo reconhece, depois de muitos outros, Manuel Criado del Val, quando abre a sua *Teoria de Castilla la Nueva* (Madrid, Gredos, 1960), com estas palavras: «Ninguna preocupación parece ser más viva en los críticos e historiadores españoles de la ya casi pasada generación, que la definición de España. Se suceden los grandes libros, en

aparência objectivos, que esperan apasionada, obsesivamente, afiliarnos a un concepto más o menos extremado; a una ambiciosa síntesis espanhola.» (Não díríamos espanhola, mas de Espanha. Além disso, advertimos que Criado del Val só alude a uma coorte que culmina em Américo Castro e Sánchez Albornoz, e se esquece, portanto, nomeadamente, de todos os orteguianos e pós-orteguianos que alinham com Pedro Lain Entralgo na colecção Ensaístas Hispânicos, editada por Aguilar. Tão-pouco nos parece ter em conta sequer a obra sugestivíssima de Américo Castro, *Origen, ser y existir de los españoles*, que não destoa em nada, nem na modernidade dos pontos de vista, nem na linguagem e *forma mentis* que a suportam e exprimem, das espécies produzidas por representantes de mais novas gerações.) Já isso mesmo havíamos reiteradamente afirmado nas *Cartas de Espanha* que em 59 e 60 publicámos na revista Colóquio; já isso, muito antes de nós — em 1939 —, havia sido luminosamente verificado e agitado por José Osório de Oliveira, ao escrever o que perdura com plena actualidade: «Todo o ensaísmo espanhol moderno anda à roda de um único tema, a Espanha, e na análise dele se tornou notável, a ponto de constituir um capítulo, não só da história da literatura espanhola, mas da história da inteligência.» (Em *Enquanto é possível*, Lisboa, Edições «Universo», 1942, pág. 19.) Tendo sua clara repercussão entre nós (a que designadamente se mostra em alguns livros de Fidelino de Figueiredo, Osório de Oliveira, Cunha Leão, Agostinho da Silva e nossos), constitui esse cuidado maior da inteligência espanhola contemporânea um alto e sugestivo exemplo para a inteligência portuguesa, ao âmbito de cuja cultura chegou, como a todas as demais europeias, a hora do primado da crítica, e portanto do encurvamento reflexivo que pode ter por preferente objecto o fenómeno de uma diferenciação nacional — sua história, suas criações, seus problemas e *impasses*.

*

É em ordem à definição da nossa cultura que se desdobra à *Parte portuguesa* da bibliografia que segue.

Mostra-se tal parte articulada em espécies predominantemente historiográficas e espécies predominantemente interpretativas. Com as primeiras, que vão desde as relativas à geral história portuguesa

até às que respeitam à história literária, passando pelas atinentes a história da expansão e ao que chamamos *ingredientes culturais*, propomo-nos proporcionar uma informação-base de toda a interpretação possível da cultura portuguesa. Com as segundas, julgamos poder atender duas finalidades: suscitar nos alunos um verdadeiro interesse pela matéria, na linha do pendor compreensivo que parece constituir um dos apanágios do nosso tempo, e permitir-lhes os pontos de vista sem os quais — ao menos como *hipóteses de trabalho* — se não pode cumprir um autêntico e vivo estudo, mesmo historiográfico, de qualquer cultura. Muito importa, pois, ao estudo da cadeira, que os alunos se sirvam tanto das obras especificamente historiográficas, quanto daquelas outras reflexivas que constam da nossa bibliografia, nunca esquecidos de que a história da cultura, numa óbvia afinidade com a história da filosofia, sua parte, não tem menos de filosofia, e pois de *razão*, do que de *história*. (Poder-se-ia remontar a Victor Cousin para o sustentar.) Será este um tema que alguma vez se glosará detidamente em classe, como explicação, aliás, da sua fundamental presença ao longo de todo o curso.

No subcapítulo intitulado *História geral* alinham aquelas obras que, mais tendo por campo-objecto os sucessos políticos e militares, não deixam de formular problemas de todo o ponto principais, como são, nomeadamente, e acima de todos, os da nossa origem etnocultural. São elas indispensáveis — por isso e porque oferecem o maior âmbito ou a mais larga moldura do que constitui a matéria particular da cadeira.

A matéria começa a ser directamente investida com as espécies submetidas à epígrafe *Descobrimentos e expansão*, quer porque elas respeitam a um complexo de factos peculiar e diferenciadamente português (aquele complexo que se soi chamar do *descobrimento e da conquista*, e que é a mais *activa* e, também por isso, iniludível expressão de uma forma portuguesa de estar no mundo), quer porque algumas incluem uma decidida problematização no domínio da história da ciência e do pensamento, e, portanto, da cultura, em Portugal.

É com o que se denomina de *Vária* e de *Ingredientes culturais* que se está deveras em cheio no terreno da cultura portuguesa. Em *Vária*, consignam-se obras historiográficas relativas à história eclesiástica, económica, artística, jurídica, diplomática, social, das mentalidades, etc., nelas se destacando o repertório monu-

mental de Gama Barros, a não prosseguida fábrica sobre *a sociedade em Portugal no século XV*, de Costa Lobo, e a também isolada *Arte e artistas em Portugal*, de Sousa Viterbo, além das *Épocas do Portugal económico*, de Lúcio de Azevedo. Em *Ingredientes culturais*, contêm-se livros e autores antes mais depositados, como a expressão indica, na consideração e atmosfera própria dos diversos aspectos em que a vida histórica se reparte e discrimina, do que propriamente na história como discursão de acontecimentos. Trata-se de uma distinção bibliográfica o seu tanto subtil, que por isso mesmo não facilita a adequada colocação de uma que outra espécie em qualquer dos dois subcapítulos em questão. É o caso, p. ex., do livro citado de Costa Lobo; é o caso, mais próximo de nós, dos escritos dos Professores Luís de Pina e Orlando Ribeiro, que tanto podem ser ordenados em *Vária*, como em *Ingredientes culturais*. (Não é a geografia, para Toynbee e para Braudel, como já o era para Oliveira Martins, e chegaríamos a Montesquieu e a Políbio, um dos ingredientes da realidade histórica e, portanto, da cultura — a qual é o fruto, por outras palavras, de um diálogo em que é a geografia um dos principais interlocutores? As obras que o Professor Luís de Pina — entre nós, a maior autoridade na matéria — dedica à história da medicina, se respeitam a uma zona altamente diferenciada da história e da cultura, não deveriam antes, porque outrossim de rigorosa historiografia, figurar, segundo a distinção apresentada, no subcapítulo *Vária*?...) E, no entanto, tem a nossa distinção uma razão de ser. Esta: arruma-se em *Vária* (prolongamento das secções anteriores) toda e qualquer espécie predominantemente historiográfica, enquanto se deixa para *Ingredientes culturais* o que se refere ao que foi *conhecimento* (filosofia, ciência, direito, literatura, arte, etc.) ou se encontra *mais do lado do conhecimento* — dentro, afinal, de uma separação que em História da Cultura Clássica foi por nós, os dois últimos anos, de algum modo argumentada e definida.

Com *Ingredientes culturais* se relaciona obviamente o que se chama *História literária* e tem na bibliografia lugar destacado, logo e assaz pela abundância de produção neste domínio. (Por esteticismo ambiente e, razão mais severa, pelo prestígio dos grandes nomes de José Joaquim Nunes, Teófilo Braga, José Maria Rodrigues, Carolina Michaelis de Vasconcelos, Hernâni Cidade, Rodrigues Lapa, Afonso Lopes Vieira, e tantos outros, terá sido mesmo, e continuará a ser, a história literária o que mais con-

centra a atenção dos estudiosos portugueses, ou aquele domínio para onde tudo se remete, mesmo em detrimento dos autores estudados, do sentido filosófico, sociológico ou outro das suas obras respectivas, e, enfim, de uma *compreensão cultural*, ou, meramente, de uma compreensão, que não de um apreço estético-*literário*, dos autores e das obras). Em *História literária* indicam-se algumas espécies fundamentais, nelas sobressaindo a tão sagaz *Literatura portuguesa* de Aubrey Bell (o estrangeiro egrégio enamorado de coisas portuguesas faz convergir na consideração destas uma informação de coisas europeias e uma gema de interesses que, de necessidade, descobrem no objecto outras profundidades, significações e riquezas a que não prestam sentido ou para que não estão trivialmente voltados os nossos estudiosos); é, mormente, o *Dicionário das literaturas portuguesa, galega e brasileira*, uma vez que se trata de esforço ímpar em que se encontram versados todos os temas, géneros, correntes, épocas, ciclos, figuras e, enfim, elementos em que podemos decompor ou com que podemos sintetizar a nossa cultura, quando definida na sua produção literária.

Mas essa produção literária está, como em nenhum outro quadrante nacional, assimilada com a acção. É a literatura portuguesa uma literatura antes realista do que fabulosa ou estetizante ou filosofante (ainda quando hoje também nela se tenha atingido o primado da crítica). E isto que logo nos aparece com um dos mais salientes traços da literatura e, pois, da cultura nossas, serve-nos para a introdução da subparte da bibliografia que leva o nome de *Algumas obras interpretativas*. São obras que se debruçam já sobre a cultura portuguesa na sua totalidade, já sobre determinada ou determinadas das suas fases e formas. É o que justifica que em *Algumas obras interpretativas* se inscrevem títulos quais os de Fidelino de Figueiredo, Agostinho da Silva, Francisco da Cunha Leão, Guilherme Freire, e também alguns outros, quais os de Afonso Lopes Vieira, Jame de Magalhães Lima, Jorge Dias, Jacinto do Prado Coelho, Joel Serrão. De qualquer modo, a verdade é que nos encontramos num âmbito de elaboração onde o propósito interpretativo tem ambiciosa prioridade sobre uma finalidade informativa ou descritiva. São disso expoentes maiores alguns livros de José Osório de Oliveira — autor que, deicado ao presente da cultura portuguesa, assumiu clara posição actuante, em mira a orientar o nosso ensaísmo para a mesma definição de toda ela.

Mostrando na portada o nome de José Osório de Oliveira, o nosso estudo-conferência sobre a *Trajectória da cultura portuguesa* (em *Ao ritmo da Europa*) é a espécie que condensa a matéria leccionada no presente curso de *História da cultura portuguesa* que regemos com apoio na bibliografia que segue. O curso é, com efeito, o prometido desenvolvimento desse trabalho, pensado e redigido em 1961, ao contacto das demais culturas peninsulares, companheiras e alguma vez matrizes da portuguesa, conforme a tese cardial que no mesmo trabalho se sustenta. Por tudo — e logo por ser o que podemos chamar um circunstanciado sumário ideológico — constitui tal trabalho a peça bibliográfica fundamental do curso. *E ela de indispensável leitura, sendo a partir dela que será aduzida a demais bibliografia para todas as explicações e ilustrações possíveis.*

Contém, ainda, a nossa bibliografia, como subcapítulo final, uma secção de *Depoimentos estrangeiros sobre a vida e a cultura portuguesa*. Subcapítulo em extremo vivo e interessante, representa um assaz diferenciado ângulo de visão, ou, por outras palavras, um ângulo complementar daquele que em nossa limitação de autores-actores podemos e nos inclinamos a assestar, reflexa, criticamente na cultura que nos pertence. Rico de espécies itinerantes, além do muito que pode proporcionar a uma inteligência portuguesa, constitui solicitação para um esforço de algum modo monográfico que utilize todós os elementos que uma retina, uma afectividade e uma inteligência alheias em nós foram descobrindo em épocas sucessivas.

Como remate, as obras vivas em que se desentranhou o nosso espírito, ao longo das idades: as mais altas expressões linguístico-literárias da Nação que somos: uma forma de ser, estar e agir no inteiro mundo. É a elas que, em definitivo, cabem a primeira e a última palavras no estabelecimento de uma íntima caracterologia do Português e do que é português. Nada as pode substituir. A sua leitura impõe-se. A muitas delas se terá de recorrer para ilustrar e, previamente, estear quanto na parte portuguesa do curso se for edificando.

Porto, Outubro de 1965.

PARTE INTRODUTÓRIA

I. ALGUNS LIVROS SOBRE A EUROPA.

1 — Obras historiográficas.

- AMEAL, João, *História da Europa*. (Em curso de publicação. Volumes saídos: I. *Das primeiras civilizações do Mediterrâneo às invasões germânicas*. Porto, Tavares Martins, 1961; II. *Da formação da Europa ao tratado de Tordesilhas*, id., id., 1964.)
- BRANDENBURG, Erich, *L'Europe et le monde*, traduit de l'allemand par Robert Herman, Bruxelles, Édition de la Toison d'Or, 1943.
- FISHER, H. A. L., *A History of Europe*, London, 1949.
- LAVISSE, Ernest, * *Vue générale de l'histoire politique de l'Europe*, Paris, Armand Colin, dix-septième édition, 1927.
- PIRENNE, Henri, *Histoire de l'Europe, des invasions au XVIe. siècle*, Bruxelles, Nouvelle Société d'Édition, 1936.
- SEIGNOBOS, Charles, *Histoire de l'Europe*, Paris, Éditions de Cluny, 1934.

2 — Obras historiográfico-interpretativas.

- ALBERT-SOREL, J., *Le destin de l'Europe. De l'Europe de Rome à l'Europe contemporaine*, Paris, Payot, 1958.
- CHAMBERLAIN, Houston S., * *La genese du XIXe. siècle*, édition française par Robert Godet, sixième édition (2 vols.), Paris, Payot, 1913.
- BRINTON, Crane, *Las ideas y los hombres. Historia del pensamiento de Occidente*, traducción del inglés, prólogo y apéndice bibliográfico por Agustin Caballero Robredo, Madrid, Aguilar, 1952.
- DAWSON, Christopher, *Los orígenes de Europa*, traducción de Flias de Tejada, Madrid, Pegaso, 1945. (Há várias edições francesas.)
- DUMONT-WILDEN, L., *L'évolution de l'esprit européen*, Paris, Flammarion, 1945.
- GROUSSET, René, *Bilan de l'histoire*, Paris, Plon, 1946. * *Figures de proue*, id., id., 1949.
- GUTTENBERG, A. Ch., ** *L'Occident en formation. Essai de synthèse et de critique, des fondements du XXe. siècle.*, traduit de l'allemand par Lucien Piau, Paris, Payot, 1963.

- REYNOLD, Gonzague de, *Lo formation de l'Europe*, 8 vols.: t. I. *Qu'est ce que l'Europe?* Fribourg, 1944; t. II. *Le monde grecque et sa pensée*, id., id.; t. III *L'hellenisme et le génie européen*, id., id.; t. IV. *L'Empire romain*, Paris et Fribourg, Egloff, 1945; t. V. *Le monde barbare et sa fusion avec le monde antique*, 2 vols; t, VI. *Le monde russe*; t. VII. *Le toit chrétien*, Paris, Plon, 1957.
- ROUGEMONT, Denys de, *Vingt-huit siècles d'Europe. La conscience européenne à travers les textes, d'Hésiode à nos jours.*, Paris, Payot, 1961.

3 — *Obras interpretativas.*

- BRULEY, Édouard, et Dance, E. H., *Une histoire de l'Europe?*, Leyde, A. W. Sythoff, 1960.
- KEISERLING, Hermann, **Analyse spectrale de l'Europe*, nouvelle édition augmentée d'un chapitre inédit sur le Portugal, Paris, Stock, 1931.
- MASSIS, Henri, **Défense de l'Occident*, Paris, Plon, 1927.
- ORTEGA Y GASSET, José de, **Meditación de Europa*, Madrid, Revista de Occidente, 1960.
- REYNOLD, Gonzague de, *L'Europe tragique*, Paris, Spes, 1935. *L'Europe tragique*, lição proferida em 5 de Dezembro de 1935, Academia das Ciências de Lisboa, Biblioteca de Altos Estudos, 1936.
- ROCHEDIEU, Edmond, ***La pensée occidentale face à la sagesse de l'Orient*, Paris, Payot, 1963.
- ROUGEMONT, Denys de, *L'amour et l'Occident*, Paris, Plon, 1939. *L'aventure occidentale de l'homme*, Paris, Albin Michel, 1957.
- SOVERAL, C. E. de, ***Análisis existencial del marxismo*, em *Introducción al pensamiento marxista*, vários autores, Madrid, Guadarrama, 1961.
- TIERNO GALVÁN, Enrique, *Acotaciones a la historia de la cultura occidental en la Edad Moderna (desde el fin de la Edad Media hasta la actualidad)*, Madrid, Editorial Tecnos, 1964.
- TOYNBEE, A., *Le monde et l'Occident*, traduit de l'anglais par Primerose Du Bos, Paris, Desclée de Brouwer, 1953.

II. ALGUNS LIVROS SOBRE DIVERSAS CULTURAS NACIONAIS.

- GAULTIER, Paul, *L'âme française*, Paris, Flammarion, várias edições.
- HARCOURT, Robert d', *L'Alemagne et l'Europe*, Paris, Payot, 1960.
- LEGRAS, Jules, *L'âme russe*, Paris, Flammarion, id.
- REYNAUD, Louis, *L'âme allemande*, id., id., id.
- REYNOLD, Gonzague de, *La Suisse une et diverse*, Fribourg, Fragnière Frères, 1923. *Conscience de la Suisse*, Neuchatel, La Baconnière, 1938. *D'où vient l'Alemagne*, Paris, Plon, 1939.
- SFORZA, Conde de, *L'âme italienne*, Paris, Flammarion, várias edições.
- SIMON, Pierre-Henri, *La France à la recherche d'une conscience*, Paris, Plon, 1944.
- VALÉRY, P., LECOMTE, G., GAULTIER, P., BOREL, E., FABRY, Ch., CAULLERY, M., ROUSSY, G., HOURTICQ, L., SAMAZEUILH, CALVET, Mgr. J., *La France et la civilisation contemporaine*, Paris, Flammarion, várias edições.

WEIDLÉ, W., * *La Russie absente et présente*, Paris, Gallimard, 1949.

Nota — A somar a este diminuto número de referências há, p. ex., os ciclos bibliográficos sobre a Inglaterra, em que participam autores portugueses (Eça, Ramalho, Oliveira Martins, ao lado, e antes, de Paul Valéry, Maurois, Charles Du Bos, H. Brémond, Floris Delattre, Casamian, Valéry Larbaud, etc.), sobre a Itália (importando destacar a larga produção viajeira que a tem por objecto e em que convergem tantos dos melhores europeus — Montaigne, Francisco de Holanda, Montesquieu, Gibbon, Goethe, Stendhal, Taine, Nietzsche, Bourget, Pio Baroja, etc.), sobre a Rússia (obras de Tolstói, Dostoiewski, Danilewski, Soloviev, Leontiev, Berdiaeff, etc.), e sobre alguns outros países que, como a Holanda e a Finlândia, foram tratados até por escritores peninsulares (Ramalho e Ganivet, respectivamente, para os dois apontados).

III. ALGUNS LIVROS SOBRE A CULTURA ESPANHOLA.

1 — *Espanha como problema.*

Depois das obras dos *afrancesados* — o P. Feijóo e Jovellanos, à cabeça —, e também das dos tradicionalistas — Balmes, Donoso Cortés, Menéndez Pelayo, Vázquez de Mella —, chama-se a atenção para:

a) JOAQUIN COSTA, a *Generación del 98* e o pensamento tradicionalista seu contemporâneo.

AZORIN, *Lecturas españolas, Clásicos y modernos, Los valores literarios, Al margen de los clásicos* e, sobretudo, *El paisaje de España visto por los españoles*. Várias edições.

COSTA, Joaquin, *História, política social: Pátria*, selección y prólogo de José Garcia Mercadal, Madrid, Aguilar, 1961.

GANIVET, Angel, *Obras* (sobretudo, **Idearium español* e *El porvenir de España*). Várias edições.

MACHADO, António, **Poesias completas*, várias edições, designadamente a 7.ª, de Espasa-Calpe, Madrid, 1955. V., sobretudo, *Campos de Castilla*.

MAEZTU, Ramiro de, *Defensa de Hispanidad*, várias edições. *D. Quijote*, *D. Juan y la Celestina*, *id.*, *España y Europa*, *id.*

PRADERA, Victor, *Obra completa*, 2 tomos, Madrid, Instituto de Estudios Políticos, 1945.

UNAMUNO, Miguel de, *Obras* (sobretudo, *Vida de D. Quijote y Sancho*, *Andanzas y visiones españolas*, *Por tierras de Portugal y de España*, *Contra esto y aquello*, *De mi país*, *En torno al casticismo* e *La dignidad humana*). Várias edições.

b) ORTEGA Y GASSET, José de, **Obras* (sobretudo os estudos compreendidos em *Meditaciones del Quijote*, *El espectador*, *España invertebrada* e *Espíritu de la letra*). *Id.*

c) PEDRO LAIN e *Ensayistas Hispánicos*.

FERNÁNDEZ SUÁREZ, Álvaro, *España arbol vivo*, *id.*, *id.*, 1961.

- LAIN ENTRALGO, Pedro, ***España como problema*, Madrid, Aguilar, 1957.
 RODRÍGUEZ ARANDA, Luís, *El desarrollo de la razón en la cultura española, id., id.*, 1962.
 ROF CARBALLO, J., *Entre el silencio y la palabra, id., id.*, 1960.
 RUIZ-GIMÉNEZ, Joaquín, *Del ser de España, id., id.*, 1963.
 SALINAS, Pedro, *Ensayos de literatura hispánica. Del Cantar de Mio Cid a García Lorca, id., id.*, 1958.

d) Outros autores.

- BARCO TERUEL, ENRIQUE, *Vosotros los españoles. (Ensayo de revisión)*, Barcelona, Ediciones Marte, 1963.
 BENEYTO, Juan, *España y el problema de Europa. Contribución a la historia de la idea de Imperio.*, Madrid, Editora Nacional, 1942.
 DIAZ-PLAJA, Guillermo, *Hacia un concepto de la literatura española*, Madrid, Espasa-Calpe, 2.ª edición, 1945.
 GARCIA MORENTE, Manuel, *Ideas para una filosofía de la historia de España*, Madrid, Rialp, 1957.
 LIRA, Osvaldo, *Visión de España*, em *La vida en torno*, Madrid, Revista de Occidente, 1949.
 MARAVALL, José Antonio, *Las comunidades de Castilla.—Una primera revolución moderna, id., id.*, 1963.
 MARIAS, Julián, *Ortega. I. Circunstancia y vocación, id., id.*, 1960.
 ONIS, Federico de, *Ensayos sobre el sentido de la cultura española*, Madrid, 1932.
 PARIS AMADOR, Carlos, *Mundo técnico y existencia auténtica*, Madrid, Guadarrama, 1959.

e) A polémica sobre a história espanhola.

- CASTRO, Américo, *La realidad histórica de España*, México, Porrúa, 1954 (é a 2.ª edição da obra *España y su historia. Cristianos, moros y judíos.*, Buenos Aires, Losada, 1948). *Origen, ser y existir de los españoles*, Madrid, Taurus, 1959.
 SÁNCHEZ-ALBORNOZ, Claudio, *España, un enigma histórico*, Buenos Aires, Editorial Sudamericana, 1956. *Españoles ante la historia, Id.*, Editorial Losada, S. A., 1958.

2 — *Alguns livros sobre os diversos quadrantes da cultura espanhola.*

a) Castela.

- COROMINAS, Pedro, *El sentimiento de la riqueza en Castilla*, Madrid, Publicaciones de la Residencia de Estudiantes, 1917.
 CRIADO DEL VAL, Manuel, *Teoría de Castilla la Nueva. La dualidad castellana en los orígenes del español*, Madrid, Gredos, 1960.
 MENÉNDEZ PIDAL, Ramón, *Castilla. Tradición. Idioma. V.*, designadamente, a edição de Espasa-Calpe, colección Austral.

b) Catalunha.

FERRATER MORA, José, *Tres mundos: Cataluña, España, Europa.*, Barcelona-Buenos Aires, E. D. H. A. S. A., 1963.

VICENS VIVES, J., **Notícia de Catalunya*, versão castelhana de E. Borrás Cubells, Barcelona, Destino, 1954.

c) Galiza.

GARCIA-SABELL, Domingo, *Ensaio*, Vigo, Galaxia, 1963.

ROF CARBALLO, J., *Mito e realidade da terra nai*, id., id., 1957.

d) Vascónia.

CARO BAROJA, Julio, *Vasconiana*, Madrid, Minotauro.

BARADIARÁN, *Mitologia vasca*, id., id.

MICHELENA, Luis, *La literatura vasca*, id., id., 1960.

3 — Hispanofilia.

a) Nas obras de autores estrangeiros, há a considerar, depois das de William Thomas Walsh, Washington Irving, Wyndham Lewis, Karl Brandi, Ludwig Pfandl, Karl Vossler, Louis Bertrand, Barrès, Brasillach, Montherlant, Jean Sarrailh, Edward Glaser, Charles David Ley, as mais recentes de:

BABELON, Jean, *La civilisation espagnole du moyen âge à nos jours*, Paris, Cast erman 1963.

AUBIER, Dominique, *Deux secrets pour une Espagne*, Paris, Arthaud, 1964.

b) No elenco de espécies portuguesas, onde avultam os nomes de Oliveira Martins, Ricardo Jorge, António Sardinha, Pequito Rebelo, Anselmo de Andrade, Ezequiel de Campos, Antero de Figueiredo, Hugo Rocha, etc., quase todos de qualquer modo autores de uma literatura itinerante sobre a Espanha, destacaremos, sobretudo:

FIGUEIREDO, Fidelino, **As duas Espanhas*, edição revista e ilustrada, Lisboa, Edições Europa, s. d. *Pyrene*, Lisboa, Empresa Nacional de Publicidade, 1935. *Ultimas aventuras*.

OLIVEIRA, José Osório de, **O sonho inútil*, Lisboa, 1957.

SOVERAL, C. E., ***cinco cartas de Espanha*, em *Colóquio* (n.os 1, 4, 7, 9, 11).

PARTE PORTUGUESA

1 — *História geral.*

- ALMEIDA, Fortunato de, *História de Portugal*, Coimbra, edição do autor, 1922-28, 6 tomos.
- AZEVEDO, Gonzaga de, *História de Portugal*, Lisboa, Edições «Bíblion», 1944, 6 vols.
- HERCULANO, Alexandre, *História de Portugal desde o começo da Monarquia até ao reinado de D. Afonso III*, Lisboa, muitas edições, sobretudo a oitava edição definitiva, conforme com as edições da vida do autor, dirigida por David Lopes, Paris-Lisboa, Aillaud & Bertrand, s. d., 8 tomos.
- ***História de Portugal*, edição monumental comemorativa do 8.º centenário da fundação da nacionalidade, da direcção de Damião Peres e Eleutério Cerdeira, Barcelos, Portucalense Editora, 1928-38, 8 vols.
- História do regimen republicano em Portugal*, da direcção de Luís de Montalvor, Lisboa, 1930-32, 2 vols.

2 — *Descobrimientos e expansão.*

- BEAZLEY, C. Raymond, *O infante D. Henrique e o início dos descobrimientos modernos*, tradução do inglês, anotada, por António Álvaro Dória, Porto, Livraria Civilização, 1945.
- História da colonização portuguesa do Brasil*, da direcção de Carlos Malheiro Dias, Ernesto de Vasconcelos e Roque Gameiro, edição monumental comemorativa do primeiro centenário da independência do Brasil, Porto, 1921-26, 3 vols.
- ***História da expansão portuguesa no mundo*, da direcção de António Baião, Hernâni Cidade e Manuel Múrias, Lisboa, Ática, 1937-42, 3 vols.
- LOPES, David, *A expansão da língua portuguesa no Oriente, nos séculos XVI, XVII e XVIII*, Barcelos, Portucalense Editora, 1936.
- PERES, Damião, *História dos descobrimientos portugueses*, segunda edição (actualizada), Coimbra, edição do autor, 1960.
- PRESTAGE, Edgar, *Descobridores portugueses*, 2.ª edição, versão portuguesa de Francisco Eduardo Baptista, Lisboa, Gama, 1943.
- RIBEIRO, Orlando, *Aspectos e problemas da expansão portuguesa*. Lisboa, Junta de investigações do Ultramar, 1962.

3 — *Vária. (História eclesiástica, económica, artística, jurídica, diplomática, social, das mentalidades, etc.)*

- ALMEIDA, Fortunato de, *História da Igreja em Portugal*, Coimbra, edição do autor, 1910-24, 4 tomos. *História das instituições em Portugal*, 3.^a ed., Coimbra, 1915.
- AZEVEDO, João Lúcio de, **Épocas de Portugal económico. Esboços de história*, Lisboa, Clássica Editora, 2.^a edição, 1947. *A evolução do Sebastianismo*, 2.^a edição corrigida e simplificada, Lisboa, Clássica Editora, 1947.
- BARROS, Henrique da Gama, *História da administração pública em Portugal nos séculos XII a XV*, 2.^a edição dirigida por Torquato de Sousa Soares, Lisboa, Sá da Costa, 1945-54, 11 vols.
- BRAZÃO, Eduardo, *Relance da história diplomática de Portugal*, Porto, Livraria Civilização, 1940.
- CEREJEIRA, Manuel Gonçalves, *Clenardo e a sociedade portuguesa do seu tempo*, 3.^a edição actualizada, Coimbra Editora, 1949.
- LOBO, A. de Sousa Silva Costa, *História da sociedade em Portugal no século XV*, Lisboa, Imprensa Nacional, 1904 (?).
- OLIVEIRA, P. Miguel de, *História eclesiástica de Portugal*, Lisboa, União Gráfica, 1940.
- RIBEIRO, Orlando, *Portugal, o Mediterrâneo e o Atlântico. Esboço de relações geográficas*, 2.^a edição revista e actualizada, Lisboa, Sá da Costa, 1963.
- SAMPAIO, Alberto, **Estudos históricos e económicos*, Porto, Chardron, 1923, 2 vols.
- SILVA, Nuno J. Espinosa Gomes da, **Humanismo e direito em Portugal no século XVI*, Lisboa, 1964.
- TELES, Basílio, *Estudos históricos e económicos*, Biblioteca de Estudos Sociais e Contemporâneos, Porto, 1901.
- VITERBO, Sousa, *Arte e artistas em Portugal. Contribuições para a história das artes e indústrias portuguesas* (2.^a edição correcta e aumentada), Lisboa, Ferin, 1920.

4 — *Ingredientes culturais.*

- CAETANO, Marcello, *Lições de história do direito português*, Coimbra, 1962.
- DIAS, José Sebastião da Silva, **Correntes do sentimento religioso em Portugal*, Universidade de Coimbra, 1960, 2 tomos. ** *Portugal e a cultura europeia (séculos XVI a XVIII)*, Coimbra, 1953.
- CARVALHO, Joaquim de, **Estudos sobre a cultura portuguesa do Séc. XV*, Coimbra, 1947. **Estudos sobre a cultura portuguesa do século XVI*, Coimbra, 1947-48, 2 vols. *Estudos sobre a cultura portuguesa do século XIX*, Coimbra, 1955. *António de Gouveia e o aristotelismo da Renascença*, Coimbra, França Amado, 1916. *Galileu e a cultura portuguesa sua contemporânea*, Coimbra, Editora, 1944.
- CIDADE, Hernâni, **Lições de cultura e literatura portuguesa*, Coimbra, 4.^a edição, 1959, 2 vols. ** *Lições de cultura luso-brasileira. Épocas e estilos na literatura e nas artes plásticas*, Rio de Janeiro, Livros de Portugal, 1960. *O conceito de poesia como expressão da cultura. Sua evolução através das literaturas portuguesas e brasileira*, Coimbra, Arménio Amado, 1945.

- MEREA, Paulo, *Lições de história do direito português, feitas na Faculdade de Direito de Coimbra no ano lectivo de 1922-23. Id. no ano lectivo de 24-25. Estudos de história do direito.*
- MONCADA, L. Cabral de, *Estudos filosóficos e históricos*, Coimbra, 1958-59, 2 vols. *Estudos de história do direito, id.*, 1948-?. *Mística e racionalismo em Portugal no século XVIII*, Coimbra, 1952.
- PIMENTA, Alfredo, *Estudos filosóficos e críticos*, Coimbra, Imprensa da Universidade, 1930. *Novos estudos filosóficos e críticos*, Lisboa, Imprensa Nacional, 1935. *Estudos filosóficos e críticos, III*, Braga, Livraria Cruz, 1958.
- PINA, Luís de, *Histoire de la médecine portugaise*, Porto, 1934. **História geral da medicina (I volume — até ao século XVIII)*, Porto, 1954. *Histoire de l'Histoire de la médecine au Portugal, Acti do Cong. Int. da Hist. da Med.*, Roma-Salerno, 1954. *Os arcebispos bracarense na História cultural e social da Nação portuguesa*, Guimarães, 1960. (É o que destacamos no elenco em extremo operoso e copiosíssimo do autor.
- PONTES, Maria de Lourdes Belchior, *Fr. António das Chagas. Um homem e um estilo do século XVII*, Lisboa, 1953.
- SERRÃO, Joaquim Veríssimo, *História breve da historiografia portuguesa*, Lisboa, Verbo, 1962.
- SERRÃO, Joel, *Temas oitocentistas. Para a história de Portugal no século passado*, Lisboa, Ática, 1959. *Temas de cultura portuguesa, id., id.*, 1950.
- SOVERAL, Carlos Eduardo de, ***Ao ritmo da Europa*, Lisboa, Verbo, 1962.
- TEJADA SPÍNOLA, Francisco Elias de, *Las doctrinas políticas en Portugal (Edad Media)*, Madrid, Escelicer, 1943.
- THOMAS, Lothar, *Contribuição para a história da filosofia portuguesa*, traduzido por António José Brandão, Lisboa, 1944.

5 — História literária.

- BELL, Aubrey F. G., ***A literatura portuguesa (história e crítica)*, tradução do inglês por Agostinho de Campos e J. C. de Barros e Cunha, Coimbra, Imprensa da Universidade, 1931. *Alguns aspectos da literatura portuguesa*, tradução e prefácio por Agostinho de Campos, Lisboa, Aillaud & Bertrand, 1924.
- CASTELO-BRANCO, Camilo, *Curso de literatura portuguesa*, Lisboa, 1876.
- ***Dicionário das literaturas portuguesa, galega e brasileira*, da direcção de Jacinto do Prado Coelho, Porto, Figueirinhas, 1960.
- FIGUEIREDO, Fidelino de, *História literária de Portugal (sécs. XII a XX)*, Coimbra, Nobel, 1944. *Pyrene. Ponto de vista para uma introdução à história comparada das literaturas portuguesa e espanhola*, Lisboa, Empresa Nacional de Publicidade, 1935. *Ultimas aventuras. História da literatura portuguesa ilustrada*, da direcção de Albino Forjaz de Sampaio, Lisboa, 1929-42, 4 vols.
- LAPA, M. Rodrigues, *Das origens da poesia lírica em Portugal na Idade Média*, Lisboa, Seara Nova, 1929. *Lições de literatura portuguesa. Época medieval, id., id.*, 1934.
- OSÓRIO, João de Castro, ***Ordenação crítica dos autores e obras essenciais da literatura portuguesa*, Lisboa, Editorial Império, 1947.
- PERDIGÃO, Henrique, *Dicionário universal da literatura (bio-bibliográfico e cronológico)*, 2.^a edição ilustrada, Porto, Livraria Latina Editora, 1940.

RAMOS, Feliciano, *História da literatura portuguesa, desde o século XII aos meados do século XX*, Braga, Livraria Cruz, 1963.

6 — *Algumas obras interpretativas.*

- COELHO, Jacinto do Prado, *Problemática da história literária*, Lisboa, Ática, 1961.
CORTESÃO, Jaime, *Os factores democráticos na formação de Portugal*, em *Obras Completas de Jaime Cortesão. I.*, c. prefácio de Vitorino Magalhães Godinho, Lisboa, Portugália, 1964.
DIAS, Jorge, *Ensaio etnológico*, Lisboa, Junta de Investigações do Ultramar, 1961.
FIGUEIREDO, Fidelino de, **Um retrato de Portugal*, em *Novas aventuras*,
FREIRE, Gilberto, *O mundo que o português criou*, Rio de Janeiro, José Olímpio, 1940.
Casa grande e senzala, nova edição, Lisboa, Livros do Brasil, s. d. *O luso e o trópico*, Lisboa, 1961.
LEÃO, Francisco da Cunha, **O enigma português*, Lisboa, Guimarães Editora, 1960.
LIMA, Jaime de Magalhães, *A língua portuguesa e os seus mistérios*, Lisboa, Aillaud & Bertrand, 1923. *Dificuldades étnicas e históricas da insinuação do nacionalismo na arte portuguesa contemporânea*, Coimbra, Imprensa da Universidade, 1931.
OLIVEIRA, José Osório de, ***Psicologia de Portugal e outros ensaios*, Lisboa, 1934
Enquanto é possível*, Lisboa, Edições Universo, 1942. * Exame da vida portuguesa*, Lisboa, Edições Ultramar, 1944. ***O sonho inútil*, Lisboa edição do autor, 1957.
RAPOSO, Hipólito, *Aula régia*, Porto, Livraria Civilização, 1936.
REBELO, José Pêquito, *Espanha e Portugal, Unidade e dualidade peninsular*, Lisboa, 1939.
SARDINHA, António, *Ao princípio era o verbo e Ao ritmo da ampulheta*, sobretudo.
SILVA, Agostinho da, *Reflexão*, Lisboa, Guimarães Editora, s. d.
SOVERAL, C. E. de, ***Ao ritmo da Europa*, Lisboa, Verbo, 1962.
VIEIRA, Afonso Lopes, *Em demanda do Graal*, Lisboa, Portugal-Brasil, 1922.
VASCONCELOS, Carolina Michaelis de, *A saudade portuguesa*, 2.ª edição revista e acrescentada, Rio de Janeiro, Anuário do Brasil (oj Lisboa, Serra Nova, e Porto, Renascença Portuguesa), 1922.

7 — *Depoimentos estrangeiros sobre a vida e a cultura portuguesas.*

a) Um ciclo de literatura viajeira.

a — Compilações.

- BRANCO, Manuel Bernardes, *Portugale e os estrangeiros*, Lisboa, 1879-95, 5 vols,
FARINELLI, Arturo, *Viajes por Espana y Portugal desde la Edad Media hasta el siglo XX*, Madrid, 1921.
Viajes de extrangeros por Espana y Portugal en los siglos XV, XVI y XVII, traducidos po F. R., Colección de Xavier de Liske, Madrid, 1878.

B — Alguns autores.

- Adamson, Álvarez de Colmenar, Giuseppe Baretti, W. Beckford, Émile Begin, A. Vallet de Brugnières, Lord Byron, Suzanne Chantal, Clenardo, Dumeuriez, Gorani, W. M. Kinsey, George Ladmann, James Murphy, a Princesa Rattazzi,

Southey, Richard Twiss, Luigi di Cadamosto, Poplau, João Baptista Venturino, os cavaleiros Tron e Lippomani, o barão Leão de Rosmithal, Friedrich Sieburg, Miguel de Unamuno, o Marquês de Quintanar, etc.

b) Lusofilia.

Obras de Aubrey Bell, Beazley, Boxer, H. R. Lang, Goerges Le Gentil, A. Loiseau, H. Major, Martínez Ferrando, Gibbons, Charles E. Nowell, J. J. Piel, Edgar Prestage, William E. Purser, Gonzague de Reynold, H. Schaeffer, W. Storck, Tejada Spínola, Lothar Thomas, etc.

8 — *Algumas obras-chave para a definição do espírito e da cultura em Portugal.*

Cantares galaico-portugueses; obras de D. Duarte, o Infante D. Pedro e D. Pedro, Condestável do Reino e Rei da Catalunha; Gil Vicente, Garcia de Rezende, Sá de Miranda, Duarte Pacheco Pereira, Duarte Barbosa, D. João de Castro, António Galvão, Garcia da Orta, Camões, Fernão Mendes Pinto (a par da *História trágico-marítima*) e Jorge Ferreira de Vasconcelos (a comédia *Eufrosina*, sobretudo); João de Barros (*Rópica Pnefma*), Fr. Heitor Pinto, Fr. Amador Arrais e D. Jerónimo Osório; *Tratado da terra do Brasil*, de Pero de Magalhães Gandavo, e *Diálogos das grandezas do Brasil*; Rodrigues Lobo, D. Francisco Manuel, Conde da Ericeira, Manuel Severim de Faria, Martim Afonso de Miranda, P. António Vieira, P. Manuel Bernardes e António de Sousa de Macedo; Verney, Ribeiro Sanches, P. Teodoro de Almeida, José Acúrcio das Neves, Visconde de Santarém, Marquês de Penalva e Silvestre Pinheiro Ferreira; Herculano (sobretudo, *Eu e o clero*), Garrett, Camilo, Eça, Oliveira Martins, Ramalho, Antero, Silva Cordeiro, António Sardinha, Afonso Lopes Vieira, Teixeira de Pascoais, Câmara Reis, Sant'Anna Dionísio, etc.

Nota. Antecedidas de um asterisco as espécies de mais necessária leitura. De dois, as principais dessas espécies.